O PÃO

Da Padaria Espiritual

Gerente
José Carvalho

Director
Antonia Salles

Secretario
Sabino Baptista

Amor e Trabalho

ANNO III

Portaleza, 15 de Setembro de 1896.

NUM. 33

EXPEDIENTE

“O PÃO”

Revista de Litteratura e Arte.
Publica-se duas vezes por mez.

ASSIGNATURAS

Por um anno	10\$000
Por um semestre	5\$000
Numero avulso	\$500

Só se accitam pedidos de assignaturas para fóra desta capital vindo acompanhados da respectiva importancia, em vale postal ou carta com valor declarado. Todos os negocios economicos tratam-se com o gerente, rua do Major, Facundo n. 4.

SUMARIO — Os Quinze dias, Carry Braúna; — Boas-noites, Lopes Filho; — Carta de um carioca, Moacyr Jurema; — Na despedida, Sabino Baptista; — Afurinhada, Rodolpho Theophilo; — Bibliographia, M. J.; — Coração feminino, La Fayette Silva; — Planta da resurreição, A.; — Imprensa litteraria, Salyro Alegrete; — O palacio da lua, Antonio Salles; — Marihuá, Antonio de Castro; — Tua bocca, José Carvalho; — Seca da minha terra, Antonio Bezerra; — Cancioneiro popular; — Carteira.

OS QUINZE DIAS

E bem velho e bem acertado o rito que diz: *ho males que vêm por bem!*

Como, porém, neste Paiz, tudo se forma e se transforma, tudo se vira e se revira, por certo, não parecerá estranho que, aos numerosos leitores d'O Pão, eu venha mostrar o reverso desse chavão philosophico firmado pela sabedoria das Nações: *ho bens que vêm por males!*

Muito naturalmente me occorreu acudir a face do anexam; foi nas ultimas *kermesses*, no meio das acendidas deslumbrantes de luz, palpitantes de vida e de aromas, aromas de flores e perfumes de tranças; no meio das pequeninas e rapichosas barracas entrançadas de frondes de palmeiras e habitadas por *kermesseras* gentis, toucadas de branco, armadas de prendas e de bouquets, e heroicamente confiadas no sorriso meigo que, pedindo, tudo conquista e vence

Foi, pois, no meio da festa e do delirio, da musica e das arvores, em plena *kermesse*—preciosa feira da caridade—que vi com surpresa e extranho presentimento a grande e negra taboleta em que se lia: *Do jogo dos bichos!*

E depois, seguiam-se os nomes do burro, do camello do elephante, etc.

Não me foi possível calar a surpresa e lancei um protesto.

— Cala-te, — me disse um rapaz — é tudo em beneficio!

— Bom! — obtemperei — ficará somente aqui, ou depois a taboleta e as poules (porque os bichos, como outro bicho muito conhecido e usado, existe, n por allusão, abstractamente, apenas) serão transportadas para os bilhares e cervejarias?!

Não foram, infelizmente, infundadas minhas previsões e suspeitas.

Ho bens que vêm por mal!

O Ceará pegou quadra, achou lupo, natural, decente e entendeu plagiar a decaçada instituição do Barao Drumond.

Bonito Cearasinho! Bonito!

Cangado e alcançado como vives, não te bastarão a emigração e as fattenças, a pobreza da lavoura, o desfallecimento do commercio, a morte das industrias, a baixa do cambio e o jogo da roleta?

A policia, pois, para dar provas da alta moralidade que impõe, alerta, prompta e zelosa, arremetendo-se, em marcha, e empunhando o copo... dos sabres deve gritar bem alto: *Vamos matar o bicho!*

E nós, aguerridos, das barricadas gritaremos tambem: *Morrão!* não so o jogo dos bichos, como todos os bichos do jogo!

Não chamaremos, entretanto, a attenção da policia para os quietos, bons e pacificos bichos do Comendador Acton, os quaes nesta inquietadora epocha de primazia e de impeto de annuaes, conservam-se resignados e humildes, sem pretensões a popularidade e a gloria, apenas prestando-se benignamente a ser expostos na simplicza mortal e rude de pobres annuaes selvagens.

Cuidado, Comendador, com os seus amaveis bichinhos!! E preciso conserval-os na sua *original innocencia!* E preciso não corrompel-os! Cuidado!

O povo de nossa Capital vive muito despreocupado e muito feliz: as quintas e as danças vai ao Passeeo onde palestra, ri, ouve musica, distrae. — no Passeeo, onde é posta em flagrante evidencia, n indole hospitalozza, amiga, ardente e alegre de nossos cahoclos — Os Clubs

dão partidas quasi todas as semanas. Os bonds enchem-se, condusindo infinidades de pessoas aos arrebaldes onde se respira o doce ar dos campos sertanejos. Nas areias, onde grila um piston, dança-se n'um *chifrin*; toda á cidade, enfim, palpita de ruidosas algrias, de festas expansivas, de risos estridentes.

E' bem natural toda essa expansão de vida, ainda mesmo quando o impiedoso sol fustigante nos ameaça derreter em vida, e desveste nossas campinas reduzindo-lhes a folhagem verde em ressequida *torrada* que o vento arrasta, leva em turbilhão e reduz a poeira

Epi que contraste, porem, e em que desolção se nos mostram os povos sertanejos que habitam essas pobres e pequeninas *fazendas* onde se levantam uma casa de taipa e um curral de madeira?

Quantas incertezas, preocupações, esperanças e duvidas de felicidade e de segurança futuras não lhes alalam e atormentam a forte alma afeita há tanto tempo ao soffrimento e á luta?

Que de conjecturas desoladoras e tristes, nesse tempo, não fantasia a alma cearense?

Suas aspirações, sonhos, planos e esforços voltam-se todos para o inverno, o inverno de chuva que se esconde duvidoso e incerto por detraz dos horizontes incendiados e rubros.

A incertza da chuva produz no espirito do criador e do roceiro um desalento fatal, desconsolador e triste.

No entanto, a força de querer e de trabalho, e batido o matto, são levantadas as cercas, preparam-se os roçados e a esperança dubia e vacillante, muito embora, continua em pé, arrimada no aspecto do céu que a tarde começa a se acastellar de grandes e promissoras nuvens.

Não ha povo que, como o cearense, ansioso e preocupado, espere e deseje a chuva.

E, enquanto os estadistas brasileiros approvam e reprovam protocolos e a Italia apanha de Menchek e cobra de Prudente, impudicamente, enquanto a Bretanha nos devolve a Trindade cujo *dogma* não lhe cabia resolver *ad libitum*, e a Turquia fanaticca faz a carnificina horriovel de catholicos armenios, enquanto a Hespanha e Cuba he-tam, debatem-se, convulsionadas, homericamente, uma pela preza que lhe se de fazer outra pela liberdade — a luta pela vida — enquanto a Allemannha farda e disciplina soldados e a Franca de-resse e degenera-se, e

Portugal, como não tem em que se occupar seriamente, faz poetas para desnudar-lhe as misérias, cauterisar-lhe as chagas e traçar-lhe o balancete político (vide *Patria*, G. Junqueiro); enquanto a China manda embaixadores à Europa buscar civilização e deboche e finalmente enquanto os Estados Unidos Norte-Americanos constituem-se o holophote do mundo; os pobres caboclos cearenses, calçada as mãos, ennegrecidos do sol, resignados, duvidosos e crentes alternadamente, olham para o céu—cupula de fogo—e esperam o inverno e sonham a chuva benfeitora e amiga, consoladora e prodiga como uma providência de justiça e de amor.

Pobre e heroico povo que espera, sofre, trabalha e vive de continuas esperanças fugitivas!

CARIBY BRASILEIRA.

BOAS-NOITES!

Todas as noites, vou te vêr, querida,
O' santa, vou te vêr todas as noites...
Só nessas almeçadas—Boas-noites!
Hoje consiste minha negra vida!

Ai! dest'alma, sem culpas perseguida
D'um iniquo rigor, dos mil açoites,
Que a trazem torturada e combatida...
—Morro de dia, resuscito às noites!

Mas, por maior que seja o meu tormento,
Chego, às vezes, até a abençoar
A mão que assim me fere sem piedade:

E, de tanto soffrer, não me lamento.
Confiado na luz desta verdade:
—Quem ama, vence os vagalhões do mar!

LOPES FILHO.

Em Agosto, 1896.

Carta de um carioca

As linhas que se seguem são o fructo de um abuso de confiança, cujas consequências não posso bem prever.

Um moço fluminense, chegado ultimamente a esta capital com o fim de reparar as avarias do seu figado, escreveu a um amigo e contereaneu uma longa carta dando conta das suas impressões em nossa terra.

Tendo-se estabelecido entre elle e mim uma rapida intimidade, obtive concessão para ler a referida carta, e tão interessante a achei, que sem, assentimento do autor, resolvi transcrever parte della n' *O Pão*.

Que me' perdão o illustre hospede de minha indiscrição, não rompendo por isto as nossas relações tão auspiciosamente começadas.

Vamos á carta:

« A cidade é limpa, galante, correctissimamente alinhada, coberta pelo mais amplo e mais luminoso céu de todo o mundo. Como é

grande o espaço das ruas e pequena a população e o movimento de vehiculos, a cidade é de ordinario silenciosa e deserta.

Acostumado ao estrepito e ao vai-vem turbilhante das ruas fluminenses, bem posso avaliar a impressão enrranha que me produzem estas largas ruas tranquillias, cheias de luz e vasias de gente.

A' noite é a cidade talvez mais formosa ainda com sua esplendida iluminação que mais parece as luminarias de uma festividade publica. Como é porem monotona e burguezia a essa hora em que os habitantes, em trajes de uma simplicidade extrema, agrupam-se em rodas nas calçadas, discutindo placidamente magros e corriqueiros assumptos em que a vida do proximo entra com o mais copioso contingente!

Felizmente ás quintas e aos domingos o Passeio Publico proporciona um bom reagente contra o tédio infinito que paira sobre tudo e pésa sobre a gente comó uma cou-raça de chumbo. E' o Passeio Publico uma dos melhores e mais interessantes cousas da Fortaleza. Não é um grande parque imponente e sombrio como o nosso, mas um garrido jardim cortado de passeios de asphalto, profusamente iluminado, onde duas vezes por semana vai tocar uma banda de musica das 7 ás 9 da noite.

O que torna o Passeio curioso é a bem entendida democracia que cultivam sem abuso os seus frequentadores.

O escol da sociedade e o elemento plebeu ali circulam satisfeitamente, sem confusão, sem attritos, sem que resulte humilhação ou offensa aos melindres deste ou d'aquele.

Para esta cidade que de theatro possúe apenas os despojos de um que foi e os alicerces de outro que talvez nunca venha a ser, é a elegante avenida Caio Prado uma cousa providencial, uma instituição mundana de prestimo inestimavel. E assim o comprehende a sociedade cearense que ali vai ás quintas e aos domingos exhibir a sua toilette, ouvir musica e conviver com as suas amidades.

As moças trajam sem luxo, mas com uma certa graça caracteristicamente cearense.

São na maior parte de pequena estatura as filhas de Iracema, pelle morena de varios ancenubios, olhos vivos de Andaluzas; mas falta-lhes

um importante requisito de elegancia—o saber pisar. Neste ponto ninguem rivalisa no Brazil com a carioca.

A moça cearense, com poucas excepções, piza mal, com uma certa indolencia desageitada, sem essa facilidade de movimentos, sem esse desempenho petulante que possuem as nossas encantadoras contereancas. Outra cousa que prejudica a belleza das cearenses é a má pelle que quasi todas têm. Pallidez, sardas, espinhas, pannos etc. lhes afeiam consideravelmente a cutis, que ellas têm aliás o bom senso de não occultar sob uma camada de *cold cream* e carmin, como fazem ali as nossas mulheres em sua quasi totalidade e muitas vezes sem necessidade alguma.

Hontem, quinta-feira, estive no Passeio e passei duas horas agradavelmente; hoje, porem, alongo melancholicamente o olhar por estas ruas pacificas e somnolentas e bocejo desesperadamente enquanto procuro resolver o problema de encher o tempo sem ir a uma cervejaria offender a susceptibilidade do meu figado, que começa rapidamente a desengurgitar-se.

Para um carioca exilado, é a noite aqui o espaço de tempo mais terrivel, mais difficil de passar sem morrer positivamente de tédio.

Faz hoje justamente um mez que —na vespera do meu embarque —jantámos juntos no Petropolis. O grande salão resplandecia. Nas suas innumeraveis mesinhas, todas occupadas, jantavam mulheres elegantes, rapazes do alto commercio e da alta roda burgueza entre um claro retintim de talheres e de finanças, enquanto a um canto uma charanga officiosa—violino, harpa e flauta—atacava a *Siciliana da Cavalleria Rusticana*.

Tu, *blagueur* como sempre mas deveras contristado, inectivavas-me o figado, que é o meu unico inimigo... figadal, e pintavas-me com cores asperas e desconsoladoras estas longinquas e flammejantes terras do Norte.

—Pois olha, filho, dizias-me; eu morrererei como um Prometheu voluntario agrilhoado ao Caucaso... do Paschoal, deixando que o abutre da hepate me dilacere o figado e... o resto, mas não d'aqui não saio sem ser como deportado politico ou como agente de immigração chinesa.

Por gosto não vou, não, mas Deus é grande. Que a terra do Ney te

seja propicia, e vamos ao Apollo tomar bilhetes enquanto é cedo.

E fazendo a apoteose do Emanuel seguimos Ouvidor acima, no encalço de uma *divette* que tu aconselhavas irritantemente, no tom do grande artista no *Hamlet*, a que entrasse para um convento ou... para um carro de praça, contigo ao lado, está visto...

Voltando porem á Fortaleza...

Mas basta de indiscripção por hoje. O Pão não dispõe de espaço bastante para estampar de uma só vez o producto do meu crime.

No proximo numero, salvo prohibição á mão armada por parte do meu expoliado amigo, transcreverei o resto da sua missiva.

MOYAR J. J. MA.

NA DESPEDIDA

(No album de D. Alice N. Salles)

Quando ella, triste, para esse deserto se foi saudosa encarcerar em vida, senti ficar-me o coração coberto de uma tristeza toda indefnida.

O meu olhar nos olhos della posto e os olhos d'ella, humidos, nos meus; (I'm veu de sombra me annuviava o rosto neste fatal e derradeiro adeus!)

Como foi longa a minha comoção, quanto custou-me a nossa despedida! — Se ella levou-me todo o coração, toda a minha alma, toda a minha vida!

1896. —

SABINO BAPTISTA.

A farinha da

(Excerpto de um romance em preparação.)

A farinha da do João Moco durava havia ja duas semanas.

Os habitantes dos arredores tinham vindo ajudar o vizinho, mais por um sentimento de fraternidade do que por interesse.

O trabalho da *desmancha* era para elles uma festa e não uma labuta sem jornal. Apenas recebiam as refeições frugaes, porem abundantes.

A casa de farinha era um espaçoso telheiro sustentado por valentes forquilhas de aroeira, baixo e sem ladrilho.

A casa e a fabrica representavam bem o atraso daquella importante industria fabril, quasi no mesmo estado de adiantamento hoje.

O sol descambava para o occaso e á sua descahida augmentava a azáfama com que labutavam os faze-

dores de farinha. Não se via ninguém parado, tudo ali se mexia, e o borborinho que levantava aquella pequena vaga humana, ouvido de longe, parecia de uma caldeira a ferver. Olhando-se o ajuntamento tinha-se o espectáculo que offerece um grande realejo de bonecos a se movem, a gesticularem, uma mimographia viva enfim, uma promiscuidade admiravel de caras e de gestos.

No centro do pavimento ergia-se uma tulha de raizes de mandioca, cuja grossura e comprimento attestavam o uberidade da terra. Rodeava aquella pilha escura uma dezena de mulheres; umas acocoradas, outras sentadas, a maior parte d'ellas cachimbando, e todas com *quicés* raspavam com celeridade as raizes arrancando a casca preta, que as vestia.

Um pouco adiante chiava o *rodete* num diapassão exquisito, movendo-se desesperadamente, tangido pelo volante, que recebia o impulso de uma roda puxada por dous vigorosos caboclos.

O *caitatu* em seu movimento incessante de rotação, numa chialeira de atordoar, devorava no seu ralo de folha de Flandres as mandiocas que a cevadeira encostava em suas amolladas saliencias. Em um instante a raiz, por grossa que fosse, era reduzida a massa e cahia informe dentro do *caro*.

Em uma das extremidades do telheiro estirava-se uma prensa de vara, feita do amago de um páo d'arco e com a caixa tão grande que aguentava massa para mais de cem litros de farinha.

O preneiro, um cabra escuro, fornido e musculoso, porem mal encarado, fazia a prensa enchendo-a de mandioca ralada sobre um forro de palhas de carnahubeira.

O curiboca, logo que encheu de cogolo a prensa uniu as pontas das palhas e prendeu-as com o grosso *chaprão*. Só com o peso do madeiro a corcunda se acaçapou um pouco e a *manipoeira* esguichou por todas as aberturas do caixão. O cabra agitou o *chaprão* movendo-o para direita e para a esquerda afim de pol-o mais ou menos a nivel e depois montou no centro d'elle a extremidade de um toro, roliço, curto, da grossura de uma carnahubeira fina e metteu a outra extremidade debaixo da vara da prensa. Este páo, o *brinquete*, teria de cahir, porque a base em que se firmava ia se afundando; mas o preneiro, senhor do officio, torceu o fuço; um atroxo

violento faz baixar a vara, e o *brinquete* numa pressão de achatar a terra o *chaprão* de caixa a dentro espremendo a massa que se comprime, porque vai perdendo o succo que a embebia. Quando a *manipoeira* deixou de escorrer, o cabra dá algumas torcidellas no fuço, que gane dentro da porca e desce o *brinquete*, desce até que esbarra como se tivesse topado no caminho uma rocha dura e fixa.

O preneiro pensa que pode dar mais um arroxo e agarrado ao páo do fuço enteza-se, põe em acção toda a musculatura, que incha e se salienta em camalhões desde os braços até as pernas. Mas embalde: o fuço não ganne e nem desce o *brinquete*.

Impossivel era augmentar a pressão. Dos bordos da caixa da prensa tecidos de palhas de trama miuda atufavam revirados beijos de massa quasi secca.

Na outra extremidade do telheiro um forno redondo e baixo, com cerca de dous metros de diametro, com leito de tijollo vermelho, fumega a quecido por um fogo valente e cozinha a terceira fornada. Trepado em um batente o forneiro, um mestiço franzino e *empalemado* maneja com mestria o rodo, que não pára, virando e revirando a farinha para que o calor se distribua com equaldade e não se agglutine a massa e nem tão pouco se queime.

Todo o ambiente da casa tresanda a farinha quente, um aroma especial e convidativo que se evola em abundantes ondas da superficie aquecida do forno.

Na visinhança da prensa uma cubocla de braços grossos e nus peneira massa em uma *urupemba* de taquara de crivo graudo.

Grande era a labuta a mover tão grosseiros e pesados machinismos!

Pelo esforço dos puxadores da roda, offegantes, esbaforidos, com a pelle num banho de suor, avaliava-se da imperfeição das machinas. Assim mesmo, a supprir com a força muscular a engrenagem, elles estavam contentes, não esmoreciam! A gargalhada gostosa e franca fazia coro de quando em vez com a chialeira do rodete ou com o gemido do fuço.

Gracejos com chiste diziam as raspadeiras a proposito das historias de caiporas ou de lobishomens, que contava o forneiro, acompanhando as suas lendas com o som aspero do rodo. Era um convivio alegre e fraternal aquelle. Se entre elles havia malquerenças disfarçavam-nas

tão bem que não se lhes descobria nos rostos uma ponta de constrangimento.

— Olhem quem vem na encruzilhada!... gritou o forneiro.

Todos os olhos se ergueram e se fitaram no caminho. Era Joaquim de Queiroz, que montado em seu cavallo preto vinha em rumo do telheiro. Todos se mostravam satisfeitos com aquella appareição, dando assim uma prova do apreço em que tinham o poeta popular.

Queiroz, apressando-se sob beiral da casa, amarrò o cavallo a um mourão e saudou a todos:

— Muito boas tardes, meus amigos e minhas donas. Pensavam que eu tambem não vinha fazer o meu *beijó* e jogar uns *capotes* com a tia Rozalina?! Pois se enganaram. Aqui estou, embora faltasse hoje a um campo e de rez que me disseram ter bicheira.

Ao recebendo não faltaram cortezias nem palavras amistosas. Todos lhe deram as boas vindas, até mesmo o preneiro, que era o Banda-Forra, cabra de poucas conversas.

O dono da farinha chegou-se a Queiroz e apertou-lhe a mão de encontro ao coração, como prova de subida estima. Como era surdo, não ouviu as saudações do poeta e falou:

— Estava fazendo falta na *desmancha*. Por Deus que não foi por doente.

— E quasi não venho hoje! respondeu Queiroz, quasi gritando.

— Mas por *mode* qué?

— Tinha campo a rez de bicheira.

— Isso não é nada, d'aqui mesmo cura-se. Diga-me o logar onde é pasteira e vá folgar com os outros.

— Ora, *seu* João, em sua idade acreditar nisso!..

— O menino é de hontem e eu tenho visto o cajueiro florar mais de sessenta vezes. Para que bandas come a rez? Diga-me e não se importe com o resto.

— Para lhe fazer a vontade, na lagõa do Junco.

João Moco sahio ao terreiro, olhou para o lado do sul e assim esteve alguns minutos com o olhar fito no horisonte a mexer com os beiços, a rezar talvez, e depois entrando disse:

— Está curada; antes de anoitecer nem *tapurá* e nem *carejeira* terá a ferida.

— Se fosse no rasto ainda, ainda, pois ja vi uma cura que me fez dar voltas ao niolo, mas assim!.. disse Queiroz.

— Aposto o meu cavallo de sella, Joaquimzinho.

— Não precisa aposta; amanhã eu tirarei isso a limpo.

— E me dirá.

— Com certeza!

— Olá, *seu* Joaquimzinho, estou a sua espera, disse a tia Rozalina.

— Esta com pressa de se lavar em cascás, pois lá vou.

E Queiroz tirando a vestia e o guarda-peito dependurou-os na vara da pressa e se acercou ao lado da cabella que o tinha desafiado. Arregassou depois as mangas da grossa enxada de algodão e os seus braços cor de jumbo velados por um pelle negro e curto se mostraram em toda a pujança de força muscular e de saúde.

A partida dos *capotes* começou. Rozalina foi quem sahio primeiro, raspando muito bem creada raiz da cabeça até o meio do corpo. Descascou a metade, atirou-a ao contrario, que apanhou-a quasi nos ares e o seu quicé continuou o descasamento num ruido secco de raspadura apressada. Quando o ferro tirou o derradeiro pedaço de casca, ja Rozalina sacudia outra mandioca despellada como a primeira para Queiroz, que recebeu-a e acabou de descascá-la.

Mais de uma hora levaram n'esta porfia sem ganhar e sem perder, sem terem o gosto de atirar um no outro uma chuva de cascás.

João Moco aplaudia a peleja porque lhe augmentava a tulha do rodete.

— Seu moço Joaquimzinho, se *vossuncé* pudesse dar um pulo até cá para me dar um adjetorio seu negro lhe agradecia, disse Banda-Forra.

— Espere que ja vou lá.

E Queiroz concluindo a raspadura de uma raiz atirou por chulaça um punhado de cascás sobre Rozalina dizendo-lhe— tome *capote*, minha tia; e sahio para junto da prensa.

— Deu a venta, cabra velho? perguntou Queiroz.

— Não, *seu* moço, estou um pouco amolestado. O braço que a jararaca mordeu desde manha que *pinica* no logar da *sizura* advinhando chuva ou lua, e agora está tão esmorecido que eu não posso nem com o *brinqueté*!

— Eu fico em seu logar.

— Mas *vossuncé* não vai hoje ao terço na Varjota?

— Não, d'aqui direitinho para casa, que tenho campo amanhã bem cedo. Pode ir se *afomentar* que eu dou conta do resto.

E Queiroz tomou conta da prensa sem prejuizo do serviço.

Banda-Forra logo que foi rendido apresentou a João Moco as suas desculpas e retirou-se.

— Viva o preneiro! Agora a massa enxuga em dous tempos, gritou o forneiro.

— Enquanto o fuzo aperta a guelha pode cantar, disse Rozalina.

— A obra de Carlos Magno! disse uma das raspadeiras.

O poeta não se fez rogar muito e cantou:

Raspa, raspa mais ligeira
Caboclinha do sertão,
O preneiro está parado,
O puxador esbarrado,
Não gosta disso o patrão.

.

Peneira massa, peneira
Que o forno está de queimar;
Passa mão com mais sustança,
Não tenhas medo, Esperança,
Da mão fina callejar.

.

Puxe a roda Zé Vicente
Que a cevadeira dormiu.
Tire a vista da peneira,
Que no peito da Vieira
Ja o bicho se boliu.

— Viva o cantador, gritaram em coro as raspadeiras.

— Agora a obra de Carlos Magno, disse o forneiro.

— Não a tenho bem de memoria; o que faltar eu vou botando aqui do *caco*, disse Queiroz.

Quebrar ferro e romper brenhas
Não acho ser valentia;
Valente é meu coração
Em te amar linda Maria.

.

Passarei o mar a nado
Montado nos tubarões.
Quebrarei duras correntes,
Partirei mesmo grilhões.
Farei por terra *piões*
P'ra que a meus braços tu venhas.
Ainda que tu não me tenhas
Um amor firme e perfeito,
Eu juro por teu respeito
Quebrar ferro e romper brenhas.

.

Subirei como ave aos ares
Dentro do céu entrarei;
De lá irei aos infernos,
Com Belzebuth brigarei.
Cahirei de lá nos mares
Irei dentro da Turquin
Com valor e bizzaria
Porei nella o meu escudo,
Ainda fazendo isso tudo.
Não acho ser valentia.

Nem Gólias, o gigante,
 Ferrabuz da Alexandria,
 Com seus soldados de guerra
 Terão mais força e valia.
 Eu digo de instante a instante
 So teimo pela rasão.
 Carlos Magno mais Roldão
 Oliveira e sua gente
 Nenhum d'elles é valente,
 Valente é o meu coração.

A terra farei tremer,
 O que alto foi se abaixar,
 O sol mesmo escurecer
 Nem a lua alumiar.
 Mais eu podia fazer,
 A noite virar em dia,
 Mas a tua primazia
 Os meus talentos occulta,
 Meu coração teve a culpa
 De te amar linda Maria

— Viva o cantador de fama! gritaram todos da farinhaada.

A labuta continuou em crescente animação, ouvindo-se sempre as cantigas do poeta até o sol se esconder. Quando as ultimas raias do dia desmaiaram de todo, começou o serão.

A farinhaada tomava uma phase nova; não gemia o fuzo e nem chiuva o rodete.

Todos, homens e mulheres, cercaram o forno e com cuias cheias de massa iam aproveitar o calor no fazimento de *beijús*.

Em breve o quente ladrilho ficou quasi coberto de grossas obreias do tamanho de um chapeo, que a quente ia cozendo e agglutinando ao mesmo tempo.

Queiroz animava com seus ditos chistosos o ajuntamento,

As nove horas da noite dissolveu-se o convívio e voltaram as suas casas felizes e contentes, promettendo ao João Moco amanhecerem na farinhaada.

Queiroz tomou o guarda peito e o gibão, poz o grande chapeo de couro e montando-se no seu cavallo preto partiu a chôto largo.

do velho Theophilus

Bibliographia

Produções da caducidade — Padre Corrêa de Almeida — Laemmert & C. — Rio, 1896. — É este o 14º livro de versos do velho e eminente poeta mineiro, que tão galhardamente empunha entre nós o sceptro da satyra, genero que cultiva exclusivamente e no qual é soberano incontestavel.

Chamou o Padre Corrêa de Almeida *Produções da caducidade* aos seus ultimos versos, que, ao envez disto, mais parecem oriundos de uma alma joven, cheia de um risinho pessimista para

com a nossa vida politica e social e todos os nossos erros e ridiculos.

Este livro é dos que não deve ser aberto antes de uma occupação muito urgente, porque, lida a primeira peça, não tem a gente animo de fechar-o sem ter virado a ultima pagina, e a occupação sera fatalmente prejudicada.

Livro sadio, sberico de feitura, correctissima e de uma linpa vernaculidade, as *Produções da caducidade* são um novo e solido bloco no pedestal de gloria do seu venerando autor.

Antes que pinguemos a ponto final e usando da franca e espirituosa concessão que faz o autor a imprensa na capa posterior do seu livro, offereçemos a apreciação do leitor esta amostra das *Produções da caducidade*.

In medio stat virtus

Governou a republica um soldado,
 E governa a republica o paisano!
 O supremo poder tem funcionado
 Do modo mais feioz ou mais humano.

Depois de assim ter sido revesado
 Que sera de hoje a pouco mais de um anno?
 Deverá ser cheito algum togado?
 Devera ser cheito um militarano?

Para que se não de desgosto as partes,
 Poite, sem se escarpar as malas artes,
 Salvat-se a das mais juntas ambições

E o melhor dos alvitres que se eleja
 Um *general civil*, que então se veja
 De espada e de casaca e de calções

Concedem que isto é admiravelmente
 dilo e tem um intenso sabor de actualidade.

Ouçam agora a vibração desta outra
 corda satyrica:

Que os há, há-os

Narico, belleza rara,
 Quando reforce o bigode
 Esforça-se a ver se pode
 Enxergar a propria cara

Não houvera censor destro
 Que lhe tire aquelle sestro?

Não querendo abusar da autorisação do autor, fazemos ponto nas transcripções e terminamos agradecendo-lhe vivamente a offerta do seu livro, fazendo votos para que possa ainda por largos annos gosar dessa *caducidade* que de taes produções é capaz para hora das letras brasileiras.

Brinde de Coelho Netto no banquete Assis Brasil — Leuzinger — Rio, 1896. — É um folheto in-4º, de 15 paginas contendo a allocução de Coelho Netto no banquete offerecido ao nosso ministro em Portugal, Dr. Assis Brasil, ao chegar ultimamente ao Rio de Janeiro.

Coelho Netto, sobre ser um dos nossos mais elegantes, fecundos e imaginosos escriptores, é tambem um dos nossos melhores oradores litterarios, si não for o melhor. Prova-no as conferencias de litteratura e de arte que tem feito em muitos estabelecimentos da Capital Federal sempre com auditorio numerosissimo e sempre significando um successo para o orador.

Este *Brinde* é um primor de *flôr* eloquencia, com periodos em que a lingua portugueza vibra sonoridades de crystal e despede brilhos radiosos de manhãs rosas e balsamicas.

A colonica portugueza no Brasil e a Litteratura portugueza se dirige Coelho Netto na sua allocução, onde faz destillar a galeria dos modernos escriptores portuguezes, vindo em ultimo lugar a agura por nós muito amada de Eça de Queiroz, a quem chama, como chamamos tambem — O Mestre maximo.

Nossos parabens e nossos agradecimentos a Coelho Netto.

M. J.

Coração feminino

A Antonio Salles.

Eis as palavras que me disse, enquanto lhe promettia novo amor: «Dispenso-me me procures mais, não te pertenco, nada vale lutar, descre, portanto.

E não queiras pensar, porque não penso, mais nesse amor que se findou lá tanto, nem me venhas chorar, porque teu pranto não demove o rancor que guardo, immental [so.]»

— Tem do de mim! eu lhe volto, tem pena d'um pobre coração que e teu amigo, dá-lhe um consolo, uma esperanza amena!

Indifferente, disse-se afastando:
 « Nada mereces, es um vil mendigo
 a quem se volta o rosto e vai-se andando

Das Intimas

LEZINGER — RIO

PLANTA DA RESURREIÇÃO

Alerte-se a curiosidade publica com epigrapho acima, que não se alertará de bulhe

A famosa, poetisada e meio lendária planta de Jericho existe realmente, não sabemos si em Jericho, mas no Ceará.

O nosso companheiro José Carvalho, ao regressar ultimamente do Ceará, trouxe-nos alguns exemplares da mais villosa planta a que os mais lettra los chamam a Jericho e o povo, simples, prozadamente — *pe de papagaio*.

Colheu-a elle em viagem, a bordo de um riacho, guardou-a na mala e ao chegar a esta capital levou-a a casa de Rodolpho Theophilus para *verificar* a sua resuscitabilidade. *Esta planta* a não do Rodolpho, cousa sobre a qual, seja dito de passagem, tujanos *duvidas*, quanto serias.

A phenix vegetal, colhida havia muitas dias, estava secca, enroscada, escura, aspera ao tacto e quebradiga *como* uma planta irremediavelmente *arrestada*.

Tal como estava, apresentava o aspecto de uma pequenina touceira esphérica de 1/2 palmo de altura.

Esperando, como S. Thomé, ver para crer — fizemos a immersão da planta num copo d'agua e no dia seguinte *ki* fomos ver o resultado.

Verde, vivissima, opulenta de seiva, de hautes erectas e palmas desdobradas, no uso de todas as suas attribuições vegetativas; a vátava *ki* *assembléa* planta que a falta de um prompto baptismo scientifico, foi chamada por nós *Planta da resurreição*.

O dos nossos mais versados em botânica ponde *entretanto* affirmar que a ella *uma* *criptogama* e que, pela configuração *das* *palmas*, *ke* *assembléa* a *os* *telos*.

Ha de parecer ao leitor que este *segredo da natureza* ja e de feições *ki* *seccar* a gente matulando, aturdidando, sobre

que há de cousas extranhas vai por esse mundo de Deus...

Pois ha melhor ainda: a *Planta da resurreição* mergulhada n'agua a ferver reverdece igualmente e mais depressa ainda e depois d'isto não perde as suas qualidades de immortal, continuando a voltar a vida todas as vezes que tenham a caridade de pô-la em contacto com agua fria ou quente, como quizerem.

Emquanto a leitor se enbustaca, vamos fazer ponto declarando, porém, muito peremptoriamente que nos reservamos todo o direito de tirar da *planta da resurreição* todo o partido litterario possível, empregando-a como allegoria do Amor, da Liberdade, do Progreso da Revolução de Cuba, das Questões Italianas e de outras cousas igualmente transcendentes e immortaes.

Avizamos tambem que um poeta cá de casa já começou a escrever um poema heroico em honra do Ceará, que, como a *planta da resurreição*, revive inesperadamente após uma secca, logo que os primeiros borrifos do céu lhe rorejam as florestas resequidas onde as *avvores antigas* levantam para a ar grandes braços nús.

A.

Imprensa litteraria

Temos sobre a banca a espera de notícias as seguintes revistas:

—A *Bruza* n.º 28 e 29.—Por mais que se diga desta scintillante publicação fluminense nunca se chegará a dizer tudo, por que o Bilac e o Julião vão dia a dia dando-lhe mais impulso e mais vigor. Os dous n.ºs que temos presente estão o que se pode chamar—duas verdadeiras obras primas. Quer o texto quer a parte artistita é tudo traçado por mão de mestre.

O primeiro n.º dos dois citados traz na primeira pagina um bom retrato do Dr. Joaquim Abilio, zeloso educador brasileiro, e na ultima, uma allegoria ás touradas portuguezas que estão fazendo as delicias do Rio. As duas paginas do centro são admiraveis de humor e de concepção. E' finíssima a allusão feita ao Protocollo com a denominação.

Theatro Nephelibata, e onde o General Glicerio apparece em traje de engraxate entregando ao governo da Italia um enorme par de botas engraxadas.

O segundo n.º traz o retrato do Arthur Azevedo e occupa as outras paginas com a politica do Dr. Prudente de Moraes, onde ha finas e espirituosas allusões.

O texto de ambos os n.ºs foi escolhido a capricho. Em ambos sentese pulsar o talento privilegiado do Bilac.

—*Don Quixote*—n.º 69. Como sempre está a cima de qualquer chagio este magnifico jornal illustrado de Angelo Agostini. O nascimento do *Filhote*, com que o *Don Quixote* occupa a primeira pagina, é de um espirito enorme, assim como todas as criticas deste n.º. O texto é bom e escolhido.

—A *Guitarra*.—N.º 10.—O nosso, companheiro Sabino Baptista acaba de merecer uma prova de grande distincção desta revista, que estampou o seu retrato na pagina de honra do presente n.º, acompanhando-o de

um esboço biographico do retratado, devido á penna de Lafayette Silva.

Bellos versos e fina prosa scintillam, nas demais paginas d'*A Guitarra*, a cuja illustre redacção agradecemos a fineza de que é alvo nosso querido secretario.

* *

Agradecendo a todos os collegas a gentileza da permitta temos que agradecer tambem as expressões de sympathia com que temos sido recebido por parte da imprensa dos Estados. Ao *Amazonas Commercial* e o *Diario de Noticias* e a *Provincia do Pará* nos confessamos reconhecidos. A esta, ultima pedimos venia para transcrever o que disse de nós:

Scintillante de espirito e boa litteratura, appareceu-nos sobre a banca de trabalho a encantadóra revista dos rapazes de letras do Ceará, a cuja frente destaca-se o vulto sympathico de Antonio Salles, o brilhante poeta dos *Versos diversos*.

A chronica de apresentação é uma bella peça de recte sadia e travessa, que distingue a penna que a traçou.

Que continue por longo tempo a deliciar os seus leitores *O Pão*, uma das mais bellas revistas de litteratura que vêm a luz da publicidade no paiz, é o desejo d'*A Provincia do Pará*.

Mil gracias...

SANTA DO ALGARTE.

O PALACIO DA LUA

(DE LENE CARICOSO)

Esta noite no mar ergueu a lua algente
Um palacio de prata esplendido e tremente.

Tem torres de marfim e de neve... Fluctua
Meu sonho em derredor do palacio da lua.

Rasgam-se amplos balaços nos seus lusentes flancos
Meu amor, a chorar, sóbe seus degraus brancos.

Si queres, oh minh'alma, ir nas aguas vogar,
Que teu remo não toque o palacio de luar!

E tu, cuja lembrança enche-me a vida ainda
Como um beijo, a brotar dessa paixão já finda:

Com teu remo impiedoso, oh não firas assim
O meu sonho abraçado ás torres de marfim!

Ah! não quebrem, te peço, oh cegos remadores
Os degraus onde estão chorando os meus amores!

Mas passa a contemplar tua esteira sonora,
Que o palacio da lua ha de arrasar-o a aurora...

MARINHA

De tarde. Beira-mar. As ondas, uma a uma,
Se desdobram na areia, em languido lamento.
'Narcia humedecida, onde, a todo momento,
Passam, rolando atôa, alvos flocos de espuma.

Longe, mancha, de leve, o azul do oceano algum
Branca vela a vogar solta á mercê do vento...
Em cima se prolonga o azul do firmamento
A que não tolda agora a mais ligeira bruma.

Pela praia, beirando os morros alvejantes,
Se estende o coqueiral—as palmas verdejantes
Tremulando, de manso, á brisa que ciciza.

Emquanto o sol, que além se some tristemente,
Envia ao pobre mar, que chora eternamente,
'Num beijo derradeiro, a sua luz já fria...

Ceará, 19—1—96.

Nada, homem; me queira perdoar, eu não o tinha conhecido. Agora sim, já sei quem é.

Tenha a bondade de fazer com que eu saia daqui.

Os dois vaqueiros estavam boquiabertos ouvindo aquellas palavras.

Manoel Caetano sentiu até uns arrepios de medo, quando olhou para a cara do caboclo, que lhe pareceu horrivelmente transformada.

Antonio Lopes tinha mettido a mão direita na forquilha da aroeira, ficando quasi nas pontas dos pés, e o cavallo dando volta em torno da arvore, prendera-lhe a mão esquerda nas redes.

Estava quasi sem movimento.

Daquelle dia em diante Antonio Lopes confessou-se vencido, e em toda a parte proclamava a superioridade do caboclo Manoel Fragozo, pois que este possuia *força occulta* maior que a sua.

AN ONTO B Z. RRA.

Cancioneiro popular

1

Plantei amor no meu peito,
Pensando que não pegasse;
Tanto pegou que nasceu,
Tanto nasceu qu'inda nasce.

2

De Salomão a sciencia,
Eu trago toda de cór;
Pae e mãe é muito bom.
Barriga cheia é melhor.

3

O ovo tem duas gemmas,
Uma branca outra amarella;
A pinta que o gallo tem
O pinto nasce com ella.

4

Na relação de Cupido,
Eu fui desembargador;
Mas não me lembra que dêssas
Sentenças contra o amor.

5

Queria achar quem dissesse
Onde o pesar mais augmenta;
Si é no peito de quem fica,
Si é n'alma de quem se ausenta.

6

Dentro de meu peito eu tinha
Duas pombas jurity;
Uma morreu de saudade
De tanto chorar por ti;

7

A outra mais infeliz
Bateu asas, foi embora;
E lá no campo perdida
Até hoje canta e chora.

8

Esta noite a meia-noite
Ouvi cantar e chorar;
Eram dois amantes firmes
Com pena de se apartar.

9

Amigo que vem de fóra,
Que na roda agora entrou.
Me dê acesso um cigarro
Que o meu n'agua se molhou.

10

Quizera ser encantado.
Menina, p'ra te roubar;
E te deixar escondida
No fundo escuro do mar.

11

Vou-me embora, vou-me embora.
Mas a Maria Candeia:
Si a noite for escura
Os olhos della allumeia.

12

Menina balança os cachos,
Que eu também balanço os meus;
Menina que não tem cachos
Não deve favor a Deus.

13

Do homem quero a palavra
Da mulher quero o despacho
Da vacca a bezerra feuca
Da besta o poldrinho mecho.

Carteira

«Collecção Alva»

Canção de lutar com a rotina, com a má vontade e com a usura das casas editoras do nosso paiz, resolve o eminente escriptor Coelho Netto editar por conta propria as suas obras.

É uma experiencia que elle vai tentar sobre o publico brasileiro, cujo gosto litterario será posto assim a uma prova decisiva.

Empenhando nesta empreza os seus haveres—naturalmente modestos—libertando-se do mercantilismo dos editores, appella Coelho Netto, cheio de confiança e de nobre coragem para o nosso publico legente, que já deve á sua penina feérica um mundo desses meffaves prazeres intellectuaes que a Arte desperta nos espiritos delicados.

Concitamos os nossos conterraneos amantes das bellas-lettras a prestar seu auxilio ao mais fecundo e imaginoso escriptor da nossa moderna geração litteraria, assignando as suas obras, que sob a denominação de «Collecção Alva» vão ser de ora em diante publicadas regularmente.

A primeira série da dita collecção consistirá das seguintes obras:

1 — *Sertão*, volume de mais de trescentas paginas, contendo as novellas — *Uga Praga*, *Tapira*, *Os velhos e os contos* — *Peste*, *Enterro*, *Ficmo*, *O caqueiro e Cantilena*, *Filho*, *Sangue* (ineditos).

2 — *Inverno em flor*, grande romance publicado em folhetins n.º 1.º Poiz e inter-

ramente refundido e modificado quer na substancia quer na forma:

3 — *Cancioneiro*, canções em prosa;

4 — *O paraíso*, (exceção fantasia). A acção deste romance, de plena fantasia, desenvolve-se quasi toda nas regiões do mysterio:—é a viagem de uma alma através de todos os circulos da pena até o Céu;

5 — *Agareno*, romance contemporaneo.

Com a quantia de 250000 entregues adiantadamente na *Lithographia Cearense* ou no escriptorio d' *A Republica*, receberá a leitor as obras da «*Collecção Alva*» a proporção que forem sahindo á luz.

Temos a satisfação de affirmar que Coelho Netto é muito lido e estimado no Ceará, e isto nos faz esperar que não sera pequeno o numero de subscriptores da brilhante e tentadora «*Collecção Alva*».

Caso algum se queira entender directamente com o autor, dirija-se a rua Silveira Martins n. 16, Capital Federal.

Cancioneiro popular

Iniciamos hoje a publicação do Cancioneiro Popular que pretendemos editar opportunamente em volume, recolhendo para esse fim todas as trovas que nos pareçam originarias do Ceará.

Publicamos hoje doze dessas deliciosas trovas e em nossos edições seguintes continuaremos a fazel-o regularmente até que cheguem a constituir um bom volume.

A nossa recolta não se limitará somente á cantiga em quadrinhas, mas abrangirá também as lendas, historias de caçadas e outros successos da vida campesina que os anonymos travadores sertanejos descrevem em verso na sua linguagem desataviada e pittoresca.

Temos certeza de que prestaremos um bom auxilio ao Cancioneiro Nacional, proporcionando-lhe elementos perfeitamente inéditos e muito característicos da ethnographia cearense.

«Alma serena»

Tal é o titulo de um livro de versos que appareceu em Paris com excepcional successo.

É sua autora uma encantadora folga rumânica, Hélène Vaccaresco, muito conhecida e estimada nos circulos litterarios da capital franceza, onde tem estado de diversas vezes.

Leconte de Lisle sobretudo a apreciava muito e regozijava-se de vê-la entre os intimos que frequentavam os seus sercés litterarios onde a joven poetisa brillava pela graça calorosa com que dizia seus formosos versos.

Hélène Vaccaresco é dama de honor da rainha da Rumania, que sob o pseudonymo de Carmen Sylva tem conquistado em toda a Europa a mais justa celebridade litteraria.

O nosso collega Antonio Salles traduziu para a nossa edição de hoje *O palacio da lua*, de Hélène Vaccaresco, a labiosa dama de honor, que tanta honra faz á sua illustre e gloriosa soberana.

Impresso na Lithographia Cearense, rua Formosa, n.º 8.